

1º LUGAR - MARIA EDUARDA POLIDO LEMOS (5º I-1)
 "TIA ANASTÁCIA E O RISOTO DEL TARTUFO"



CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI

Aluno(a): Maria Eduarda Polido Lemos 5º ano: I 1
 Professor(a): Edimelda Lima da Silva Data: 10 / 10 / 2012

Espaço para produção do texto

"Tia Anastácia e o risoto del tartufo"

Lá estava eu fazendo meu arroz na cozinha quando chegou Emília com sua fôrminhinha de azeite pedindo para eu fazer um tal de risoto de tartufo para o aniversário de Dona Benta. Emília me explicou tudo, mas cá entre nós não entendi absolutamente nada. Daí apareceu o bisconde com o pé de patim-pimpim dizendo que iria explicar a receita nos levando para uma viagem na região de Alba, no Piemonte, na Itália, terra onde nascem os tartufos.

Então, por mera coincidência, chegamos lá na semana do festival de



tortufo, no dia primeiro de outubro.
Somos direto para a "Feira del Tortu-
fo"... Ai, meu chão forte, que barulho
alto de tambora rufando, mas que
cheirinho gostoso das barraquinhas de
comidas típicas; era o "Perfume del
tortufo branco" no ar. Em uma dessas
barraquinhas, havia uma senhora
vendendo o mais delicioso risoto de tar-
tufo e se disponibilizou a nos levar
à casa dos cogumelos tortufo branco. E-
mília ficou abismada com a tal da
casa dos cogumelos, pois lá no sítio
eles nascem na grama e não são
bichos para serem caçados. Partimos
então para os campos de Piemont
com cães farejando as raízes das árvo-
res. Cruz credo cada cachorro gran-
de, e Emília com o visconde na coleira



pedindo para que ele fizesse tam-
bém para aprender a caçar cogumelos
lá no chitão do Pica-Pau-Amarelo.

Mas o que essa bobinha da Emília
não sabia é que o tartufo não nasce
no Brasil.

Quando chegamos perto da raiz de
uma arvore, as cães ficaram ensem-
decadas e começaram a cavar, pois ali
havia os tais tartufos. Lavamos, en-
contramos os cogumelos e os colhemos.

Então, pedi para o valchão do Vis-
conde, como diz Emília, para pegar o
pé de pirimpimpim para irmos de
volta para casa.

Quando chegamos lá, fizemos um
delicioso "risotto del tartufo bianco" e
até que enfim Emília fechou sua tor-
meirinha de arminha, pois comeu



três pratos daquela geringonça, sem
contar que Dona Benta também
ADOROU! o novo prato.

Maria Eduarda Polido Demora 5º ano I



CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI

Aluno(a): Giulia de Souza Cupertino de Castro 5º ano: I²
Professor(a): Érika dos Santos Alves Data: 21 / 10 / 12

Espaço para produção do texto

A aventura de Emília e Rabicó em Milão

Vocês nem vão acreditar no que aconteceu comigo e com o Rabicó... Estava eu conversando com a Dona Benta sobre um pintor italiano chamado Giuseppe Arcimboldo, que pintava faces humanas usando alimentos e flores, quando o Rabicó, que estava brincando na lata de lixo, ouviu a bendita palavra "alimentos" e inventou de ir a alguma exposição dos quadros do artista. E, graças ao Faz-de-Benta, nossa aventura começou. Eu e ele então pensamos: "Faz-de-Benta que estamos na Catedral de Milão, em uma exposição de Giuseppe Arcimboldo!". E PUF!! Lá estávamos nós. Com seu título de fusciquinho, o Rabicó foi logo explorando o lugar e bateu



com o focinho em uma placa enorme. A placa
foi feita há pouco tempo e a tinta com a
qual foram escritas as palavras ainda esta-
va fresca. Então, a cara daquele porco-porcaria
ficou toda manchada de tinta. Quando eu estava
no chão rolando de rir, o Rabicó fez um bico
igual ao da Vaca Macha e emburrou. Então
eu disse: "Vamos continuar!".

Em um dos corredores, havia um
quadro grandão chamado "A água", onde se mos-
travam vários peixes, mas o Rabicó não se
interessou, pois ele é um porco, não um tuba-
rão. Em seguida, vi um quadro lindíssimo
chamado "Primavera", que quem amou fui eu.
Como sou muito vaidosa, fiquei me imaginando
na face daquela mulher toda enfeitada.

Depois de passarmos por mais 3 qua-
dros, chamados "Verão", "Outono" e "Inverno", to-
pamos com uma obra sem nome, que mais pare-



cia um buffet completo para o Babico: frutas, verduras, legumes, raízes, tubérculos, e nem sei mais o quê.

Então, o porcelão não pensou duas vezes: arrastou sobre o quadro e... PUFF! abocanhou-o e não quis mais soltá-lo, pois achava que todas aquelas delícias eram de verdade.

Quando o tanto de guarda percebeu, saiu correndo atrás de nós. Eu, que não sou bola nem macho, disparui na frente, mas o Babico, que é uma bola de banha, ficou lá longe. Quando o guarda estava quase o alcançando, pensei: "Pag-de-Conta que estamos em casa!". Outro PUF! e quando acordamos da viagem, estávamos deitados no pasto e o porco-porcelão ainda estava com o quadro na boca. Então, finalmente consegui ler o que estava impresso na cara dele: "Giuseppe Creimbold nasceu em Milão em 1527, pintou muitos quadros famosos e morreu em 1593, aos 66 anos." Então perguntei-me: "Ele morreu velho, não é?"

Guilherme B. I. 2



CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI

Aluno(a): Heitor Romero Lopes Carvalho 5º ano: I¹
Professor(a): Edinalda Data: / /

Espaço para produção do texto

O mistério dos queijos

A chuva caía há três dias na Sítice. O jeito era brincar com meus amigões. Bonezinha brincava com suas bonecas, enquanto o bisconde folheava li-
vros de Geografia, jornais e fazia um globo terrestre
rodopiar, assim como Emília, impaciente com a chuva per-
sistente. A boneca pulava no sofá e tentava em subir na
estante, mais parecia um dos meus avôzinhos. Não
satisfeita, tagarelando muito, começou a lançar boli-
nhas de papel no bisconde, que não reagia, ou porque
estava concentrado em suas ideias ou porque sabia
que, se reclamasse, mais a bonequinha iria implicar com
ele. De repente, o bisconde gritou:
- Emília!!! Emília!!! Emília!!!
Nós levamos um tremendo susto. Até Emília ficou
paralisada no meio de um tiro de bolinhas de papel.



- Nossa, bisconde, você não sabe brincar
mesmo! Retornou a Benedita sem enfezada.

- Eu não estou falando com você seu de
você, leonequinho. Refiro-me à grande região da
norte da Itália, denominada Emilia!

- EMÍLIA? Eu e Nazizinha repetimos juntos.

Com os olhos piscantes, a esperitada disse.

- O minha ilustração, clara, finalmente foi re-
conhecida! Batizaram uma região em minha homenagem. Mas... não deveriam me pedir autorização?
Será que eu não deveria pedir um milhão por
usarem meu nome? Ou que tal...

- Emilia! Cessa a fala com você! Essa região,
Emília-Romagna, na verdade, existe há muito
tempo.

- Não, até pode ser, mas aqueles italianos
eram românticos de boca de cristal, pois
sabiam que tinham de dar esse nome àquela
mobilíssima região de algum importantíssima



Como eu.

- Pois, Emília, infelizmente aquela região em sua homenagem está passando por sérias dificuldades financeiras, porque os queijos produzidos pelos colomes estão desaparecendo de forma enigmática, explicou Visconde.

De ouvir a palavra "enigmática", eu e Narizinho, que até então somente observávamos o comportamento dos dois, nos entreolhamos com um largo sorriso. Eu disse:

- Emília, Visconde, precisamos salvar a Itália, mais precisamente desvendando o mistério dos queijos!

- Meu cara Pedrinho, a Itália fica na Europa, do outro lado do oceano Atlântico, disse o Visconde.

- Mas nada é longe nem impossível quando se tem o pé de pirlimpimpim, falei, tirando o pé mágico do bolso.

A essa altura, Emília saltava de alegria com



a canastota na mão. O visconde estava atônito.

Não teve jeito. PIRLIMPIMPIM e foram para os

quartos na Itália. E logo desremetamos a segredo.

Embora os colonos estivessem tristes, ouvimos

uma alegre música vindo de um monte. Lá, encon-

temos ratinhos barulhentos e o flautista de

Blumen, que enfeitava os ratos para que

fortassem os queijos. Mas, então, Emília

prendeu o flautista na canastota e os queijos

rolavam de volta aos seus donos, que, apa-

decitados, fizeram bonequinhos de pano com cabelos

coloridos para as crianças de vilarejo.

Che retornamos ao Sítio, conversamos para

a quintal e subimos no pé de jaboticaba, pois

a chuva já havia passado e o sol brilhava

forte.